

DO MITO AO COMPUTADOR

Ignácio Urbainski *

Resumo

No final do século VI e início do século V a. C., surgiu na antiga Grécia uma nova forma de interpretar os fenômenos naturais. Esses fenômenos não eram mais atribuídos a seres superiores, mas a fatos que poderiam caber na compreensão racional. Era o fim do mito e o surgimento da Filosofia. Três grandes filósofos organizaram essa nova forma de conhecer a natureza. Com o surgimento da ciência moderna, formalizaram-se técnicas para o controle cada vez mais eficiente da natureza. O advento do computador é um passo adiante nesse processo.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia, conhecimento da natureza, computador e progresso.

Abstract

At the end of the 6th century and beginning of the 5th century, comes up in the ancient Greece a new way of interpret the natural phenomena. They aren't ascribed to superior beings any more, but they are destined to the racional comprehension. It was the end of the myth and the emergence of the phylosophy. Three great phylosophers organized that new way of knowing the nature. With the emergence of the modern science, techniques are formalized to control more and more the nature in an efficient way. The arrival of the computer is a step ahead in this

process.

KEYWORDS: Phylosophy, racional comprehension, knowing the nature, computer and progress.

Introdução

A Filosofia originou-se na Grécia, numa região denominada Balcãs, região cheia de montanhas, pequenas planícies propícias para o estabelecimento e a formação de pequenos grupos independentes. Foi aí que surgiu nos séculos VI e V a. C., uma nova forma de interpretar o universo.

Até essa época, o ser humano interpreta os fenômenos naturais como fenômenos controlados por seres superiores denominados deuses. Essas interpretações são conhecidas como mitos. Mito, portanto, é uma interpretação de um fenômeno natural atribuindo-o a um ente superior e baseado numa determinada crença. O conjunto dessas interpretações toma o nome de mitologia.

A partir do século VI a. C., surgiu uma nova forma de interpretar os fenômenos naturais, atribuindo-os não a seres superiores mas a princípios e causas naturais, isto é, inerentes à própria natureza, por meio da razão.

Entre os primeiros filósofos, três deles ocupam hoje um lugar de destaque. São eles Sócrates, Platão e Aristóteles.

* Docente da UNIPAR. Mestre em Educação

1. Sócrates

Sócrates (470-399 a.C.) foi o filósofo que introduziu no mundo ocidental o conhecimento racional.

O grande filósofo ateniense nada deixou escrito. Os seus ensinamentos são conhecidos graças a dois de seus discípulos, Xenofonte e Platão. Principalmente este último, através de diálogos, método utilizado por Sócrates, deixou para a posteridade os ensinamentos do grande mestre.

O método utilizado por Sócrates se dividia em duas partes: a primeira, denominada Ironia (em Grego, pergunta) levava o interlocutor ao reconhecimento de que nada sabia, “sei que nada sei”. A segunda, chamada maiêutica, que em grego significa parto, em homenagem à sua mãe, que era parteira, induzia os interlocutores a reconstruírem seus conhecimentos sobre bases racionais.

Sócrates preocupou-se muito com os conceitos morais, tais como: conceito de justiça, de coragem, de bondade, virtude, etc.: através de perguntas, partia de reconhecimento de fatos, para, em seguida, conduzir o interlocutor até a formação de cada conceito moral.

A este grande filósofo, deve-se o mérito de ter introduzido, no ocidente, uma nova forma de o ser humano relacionar-se com a realidade, através do conhecimento racional.

2. Platão

Discípulo de Sócrates, viveu de 428 a 347 a.C., em Atenas, onde fundou uma escola denominada Academia.

Coube a Platão estabelecer os limites, a extensão do conhecimento filosófico. Para isso, partiu da natureza do conhecimento humano. Para explicá-lo, idealizou o famoso “mito da caverna”. Imaginou uma grande caverna, onde os seres humanos eram mantidos acorrentados com a face voltada para o interior da caverna e as costas voltadas para a entrada. Em frente à abertura, uma grande fogueira. Ao ser humano era permitido apenas o conhecimento da

sombra da realidade.

Dando continuidade a seu mestre Sócrates, Platão criou a palavra idéia (eidos) para significar a intuição intelectual.

Para ele, a intuição intelectual, a idéia, só tem valor, se for a participação das idéias existentes num mundo à parte ao qual denominou de mundo das idéias.

Para cada fenômeno natural preexiste uma idéia; e a realidade é apenas a concretização ilusória dessas idéias existentes num mundo anterior ao mundo concreto.

A ultrapassagem pelos homens do mundo ilusório para o mundo das idéias é explicada por Platão como se fosse uma reminiscência. Para ele, conhecer é lembrar.

Para Platão, cabe ao filósofo libertar-se das correntes que aprisionam os seres humanos e, pela contemplação, buscar a verdade racional e em seguida transmiti-la a todos.

3. Aristóteles

O maior filósofo de todos os tempos, Aristóteles nasceu na cidade de Estagira na Calcídia, região dependente da Macedônia. O pai, médico da corte de Filipe da Macedônia, deixou ao filho vultosa fortuna que Aristóteles aproveitou para desenvolver o estudo sobre o conhecimento racional.

Discípulo de Platão, fez ao mestre severas críticas; negou a existência do mundo das idéias, dizendo que elas não são concepções pré-existentes mas sim, imagens mentais da realidade.

É o próprio ser humano que elabora as idéias. Através dos sentidos, capta as imagens sensíveis e, utilizando o próprio sistema nervoso, as faz chegar até o intelecto; este, abstraindo as características concretas, elabora idéia que é a imagem mental da realidade.

Para Aristóteles, há três grupos de idéias básicas: substância – essência – acidente; ato-potência e matéria-forma.

Substância, “aquilo que é em si mesmo” ou “enquanto dos atributos”. Atributos são características

ou qualidades que atribuímos a uma substância. Entre os atributos de uma determinada substância, temos os que são necessários e outros que não são necessários. Os necessários constituem a essência; e os não necessários constituem o acidente. Ex.: Definimos o ser humano como animal racional. Esses dois atributos: animal e racional constituem a essência do ser humano. Ao passo que outros atributos, como: alto branco, moreno etc., constituem os acidentes do ser humanos.

Matéria é “aquilo de que é feito algo”. É o principal, indeterminado de que se compõe o mundo. A indeterminação é que caracteriza a matéria em filosofia.

Forma é “aquilo que faz com que uma coisa seja o que é”.

Tudo o que existe é constituído de matéria e forma. Enquanto a forma é o elemento que determina cada ser, a matéria é o elemento indeterminado. Numa pintura, a matéria é constituída pela idéia do pintor e a forma é representada pela pintura concreta na tela.

O terceiro conjunto de idéias básicas, para Aristóteles, é formado pelas idéias de ato e potência.

Os conteúdos de matéria e forma explicam o devir, porque tudo o que existe tende a colocar em ato, a forma potencial que tem em si, isto é, todo ser tende a dar continuidade à potencialidade que lhe é inerente. Surgem daí as idéias de ato e potência.

Potência, para Aristóteles não é sinônimo de força, mas de ausência de perfeição; é a capacidade de um ser vir a possuir a perfeição.

Ato é a atualização da potência; é a presença da perfeição que se concretiza pela existência.

À passagem da potência para “ato”, Aristóteles denomina de movimento.

O movimento conduz a potência até o ato.

Não é sem razão que Aristóteles é considerado o maior filósofo de todos os tempos, pois foi ele que estabeleceu os princípios básicos do conhecimento racional.

Uma vez de posse da maneira racional de interpretar toda a realidade que o cerca, o ser humano

se lançou ao desvendamento e à conquista do mundo e do universo que está ao seu derredor.

Impelido por suas características de curioso e conquistador, o homem desvendou os segredos da natureza, organizou uma forma própria de viver, estabeleceu normas para o seu agir, impôs princípios e valores capazes de controlar a sociedade e tornar o conviver menos difícil.

O ser humano, em contato com a realidade natural, elabora hipóteses e, através da observação seguida da reflexão em filosofia e também por meio da experimentação em ciências, chegou a conclusões que são denominadas verdades ou conhecimentos.

Essas verdades, tanto em filosofia como em ciências, não são absolutas e nem definitivas; estão sujeitas a mudanças futuras, à medida que o processo filosófico for evoluindo.

A busca dessas verdades naturais que denominamos verdades particulares, constitui a finalidade da Filosofia. Mas o objetivo da Filosofia não é só a busca de verdades particulares. Ela também procura uma verdade absoluta e inquestionável que seja universal, isto é, aceita por todos e que abranja toda a realidade natural, um princípio capaz de explicar a unidade na multiplicidade.

À medida que o ser humano foi-se desenvolvendo, foi adquirindo metas cada vez mais aperfeiçoadas de controlar a natureza, as relações do ser humano com o mundo foram se tornando cada vez mais complexas surgindo instituições cada vez mais diferenciadas para atender ao surgimento de necessidades diferentes.

Instituições são, portanto, organizações que têm como finalidade adequar os indivíduos à sociedade a que pertencem.

Uma das principais instituições surgidas foi a educação que consiste no preparo das gerações novas, para que se integrem à sociedade à qual pertencem.

Esse preparo, no começo, era obrigação da família. O pai e a mãe preparavam os filhos através de afazeres artesanais, para que se tornassem úteis ao grupo e assim tivessem garantida a própria

subsistência.

Com o correr do tempo, precisamente no século XVIII, a industrialização dos produtos substituiu o artesanato, exigindo uma forma mais convencional de preparo da mão de obra para atuar nas indústrias.

A escola passa a ser uma instituição mais formal, tendo como finalidade preparar as gerações novas, para que se integrem numa sociedade mais exigente e mais competitiva.

Em todos esses aspectos que retratam uma realidade em mudança, portanto, uma realidade dinâmica, faz-se presente o ser humano com a sua racionalidade, refletindo, agindo e controlando os fatos e a sua evolução.

Conhecimentos ou verdades serão tanto mais perfeitos quanto mais corresponderem à realidade a que se referem, uma vez que conhecer é captar ou elucidar a realidade.

O conhecimento leva o ser humano à ação, ou seja, ao controle que o homem exerce sobre a natureza. Agir nada mais é que controlar a natureza. O agir humano pressupõe o conhecimento de si mesmo e da realidade que o cerca e constitui a consciência psicológica.

Ao passo que o agir propriamente dito é controlado pelo sujeito que age, através de um sentimento de aprovação ou proibição, antes da ação; e após a ação por um sentimento de satisfação ou arrependimento, conforme a ação feita seja boa ou má, constitui a consciência moral.

O conhecimento, que é a representação mental da realidade, levou o ser humano à consciência de si e do mundo que o rodeia, consciência esta que fez do homem o dono das próprias ações pela liberdade e pela responsabilidade.

Liberdade, porque o conhecimento lhe dá a possibilidade de escolher uma entre várias alternativas; e responsabilidade, porque fornece ao ser humano a capacidade de reconhecer as ações que faz como verdadeiramente suas.

Com o passar das gerações, o ser humano

foi acumulando normas, valores e prescrições por meio dos costumes e da tradição. A esse conjunto de valores, normas e prescrições, damos o nome de moral, que tem como finalidade fornecer a cada um meios para um convívio adequado em sociedade.

A moral, como conjunto de normas, varia de lugar para lugar. E em diferentes épocas históricas normas morais dependem do contexto geográfico e histórico.

A mudança de valores, como a mudança de normas morais, exige por parte da sociedade uma reflexão baseada na análise crítica dos valores e das normas, para que sejam estabelecidos princípios adequados para o controle da sociedade.

Essa reflexão, análise e crítica das normas e valores morais, toma o nome de ética.

Conhecimento, moral e ética são as três idéias que constituem o suporte valorativo do ser humano na sua dupla manifestação como pessoa e como grupo social. Conhecimento aqui é entendido como consciência de si e do mundo que nos cerca.

O conceito de moral deve ser entendido como conjunto de normas, prescrições e valores que controlam o comportamento humano no convívio social.

Ética abrange a reflexão crítica das normas e valores estabelecidos pelo homem para a sua adequação no contexto histórico e geográfico.

Sem dúvida, é necessário ressaltar três valores básicos, para que o ser humano possa subsistir, se desenvolver e estabelecer um equilíbrio harmonioso no seu convívio social.

A natureza é um dos principais valores que o homem tem ao seu dispor; um valor que ele não construiu e do qual tira a própria subsistência, valor que exige dele, e não agressão, não destruição, mas a utilização e a conservação. Atitudes de agressão e de destruição desse valor provocam a miséria e a fome, entre outras conseqüências.

A sociedade é outro valor de suma importância para o ser humano. Valor que tem como finalidade

atender à necessidade do desenvolvimento. Construída pelo próprio ser humano, a sociedade como valor se impõe através de normas e valores que têm como objetivo manter comportamentos adequados ao convívio social. O não respeito a esse valor provoca a ignorância, a corrupção e o banditismo. A realidade é outro grande valor que envolve o ser humano e exige dele a fidelidade. A infidelidade à realidade provoca a crise que é, segundo Durmerval Trigueiro, “a revanche da realidade traída”.

Por outro lado, problemas, como a exploração social e a insatisfação individual têm que ser levados em consideração para que tenhamos uma sociedade menos injusta.

4. Do mito ao computador

A cada dia, novas descobertas vêm provocando mudanças no modo de pensar e de agir, exigindo do homem uma atualização cada vez mais acelerada.

Para atender à conservação e à divulgação desse acervo de conhecimentos acumulados em mais de trinta séculos, surgiu, na segunda metade do século XX, o computador que, graças a avançada tecnologia, é capaz de armazenar idéias em quantidade ilimitada, conservando-as à disposição de qualquer pessoa, a qualquer momento e em qualquer lugar, seguindo os princípios da informática.

Concretizou-se assim o mito de Platão que, tendo estabelecido os limites do conhecimento racional, sentiu a necessidade de criar um mundo das idéias, uma espécie de depósito de conhecimentos onde os filósofos iriam se inspirar para depois doutrinar o povo.

A diferença que vai entre o mito e o computador é a mesma diferença que existe entre a fantasia e a realidade.

Neste caso, fantasia e realidade se misturam para formar o mundo virtual que existe, enquanto o

imaginário que atende a expectativas.

Conclusão

Hoje, o mundo das idéias é um mundo real e concreto; existe e nos envolve a todos. As idéias produzidas pela capacidade intelectual do ser humano são colocadas à disposição de todos que queiram ter acesso a elas, através da informática.

Um mundo que tem como limites, os do próprio universo, pois é no universo que o ser humano busca informações para transformá-las em representações mentais da realidade.

Bibliografia

01. BUZZI, Arcangelo. **Introdução ao Pensar**. Petrópolis: Vozes, 1992.
02. ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Temas de Filosofia**. São Paulo: Moderna, 1992.
03. GAARDER, Jostein. **O Mundo de Sofia**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
04. CORDI, Cassiano e outros. **Para Filosofar**. São Paulo: Scipione, 1995.
05. WATANABE, Lygia Araújo. **Platão, por Mitos e Hipóteses**. São Paulo: Moderna, 1995 (Coleção Logos).
06. COTRIM, Gilberto. **Fundamentos da Filosofia**. 8. ed. São Paulo: Saraiva, 1993.